

PELA VIDA DAS MULHERES, CONTRA JOÃO “DE DEUS”

FOR THE LIFE OF WOMEN, AGAINST “JOÃO DE DEUS”

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano

Instituto Federal de Goiás (IFG)
daisycaetano@hotmail.com

Laissa Conceição Mota

Universidade Federal de Goiás (UFG)
laissamota5@gmail.com

Angelita Pereira de Lima

Universidade Federal de Goiás (UFG)
angelita_lima@ufg.br

Resumo. O ano de 2019 se iniciou com o peso, sobretudo para as mulheres, de assistir a um homem poderoso, reconhecido social e religiosamente, ser denunciado por mais de 300 mulheres por crimes sexuais. Este homem é João Teixeira de Faria conhecido como o médium João de “Deus”, com fama nacional e internacional, e, também, muito influente e rico. Uma das reações à tanta violência foi a ocupação de um dos latifúndios do médium, realizada pelas mulheres sem-terra, no dia 13 de março de 2019, durante a Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra que é realizada anualmente no mês das mulheres. Este artigo resulta de um projeto de iniciação científica sobre esta ocupação, cujo protagonismo foi das mulheres que lutam pela reforma agrária. A esse projeto foram acrescentadas reflexões sobre a imagem e o poder de João “de Deus” diante das denúncias de abusos sexuais e estupros cometidos por ele; a solidariedade das mulheres camponesas em colocar seus corpos em defesa da vida das mulheres, sem perder de vista a luta de classes; e a necessidade da reforma agrária por meio da organização da ocupação realizada no latifúndio do médium.

Palavras-chave: Mulheres Camponesas. Reforma Agrária. João de Deus. Mês da Mulher. Crimes sexuais contra mulheres.

Abstract. In 2019, the year began with the burden, especially for women, of watching a powerful man - socially and religiously recognized - denounced by more than 300 women for sexual crimes. This man is João Teixeira de Faria known as the medium João "de Deus" [of God], with national and international fame. He was very influential and rich. One of the reactions to so much violence was the occupation of one of the medium's latifundium by landless women (From MST - Movimento dos Sem Terra), on March 13, 2019, during "Dia Nacional de Luta das Mulheres Sem Terra" [The National Day of Struggle of Landless Women], which is held annually in the month of women. This article is the result of a scientific initiation project on this occupation, whose leading role was headed by women demands for land reform. To this project were added some reflections on the image and power of "João de Deus" facing allegations of sexual abuse and rape committed by him; the solidarity of peasant women in putting their bodies in defense of women's lives, without losing sight of the class struggle; and the need for land reform through the organization of the occupation carried out on the medium's latifundium.

Keywords: Peasant Women. Land reform. John of God. Women's Month. Sexual crimes against women.

INTRODUÇÃO

O mês de janeiro de 2019 findou-se com mais de 300 denúncias contra João Teixeira de Faria, conhecido como João de “Deus”. A maioria das denúncias referem-se a crimes sexuais, mas também apareceram denúncias de outros crimes, como porte e posse ilegal de armas, inclusive armas de uso restrito. João Teixeira de Faria, cujas atitudes e crimes o descredenciam usar o codinome de Deus, negava ter cometido os crimes de que era acusado e afirmava ser inocente, enquanto seu advogado adotou como estratégia de defesa, apresentada à opinião pública e à mídia corporativa, a teoria de que as mulheres que o denunciavam por crimes sexuais estavam mentindo ou inventando para prejudicá-lo. A militância feminista em suas diversas vertentes, formas e organizações se levantou para perguntar em alto e bom som: a palavra de 500 mulheres serve para questionar a de um único homem? Este questionamento recheou redes sociais e manifestações de rua, e com as vítimas puderam se sentir acolhidas frente aos ataques do patriarcado.

Para demonstrar uma reação social às violências cometidas por João “de Deus” foi organizada a ocupação de um dos seus latifúndios pelas mulheres sem-terra, no dia 13 de março de 2019. E a partir destes fatos, foi escolhida a temática para este artigo, em que pretendemos abordar imagem e poder de João de Deus, as denúncias de crimes sexuais cometidos por ele e a coerência dos motivos que levaram as mulheres sem-terra a ocupar uma das terras do médium.

Tradicionalmente, o mês de março é marcado por ações que ressaltam a luta das mulheres pelos movimentos sociais. Oito de março é o Dia Internacional da Mulher e socialmente - com apoio das religiões e do capitalismo - caracteriza-se, ainda, somente como uma data comemorativa e de homenagem às mulheres. Neste dia, o mundo se veste dos estereótipos atribuídos à população feminina e busca imputar estes valores a todas as mulheres, indistintamente.

Os movimentos sociais buscam descortinar esta seara de flores, este quadro cor-de-rosa, e desconstruir as homenagens a uma suposta doçura feminina. Para dar visibilidade ao real sentido do dia e do mês da mulher são organizadas manifestações e ações de luta. As mulheres que compõem os diversos movimentos estampam as bandeiras de luta contra as opressões sofridas por todas as mulheres e colocam suas vozes a serviço das denúncias para que o mundo se torne justo para todas as pessoas, afinal os movimentos feministas já anunciam que um mundo bom para as mulheres é um mundo bom para todas as pessoas.

Abordar a participação das mulheres em movimentos sociais é tarefa difícil, devido à quantidade e variedade de correntes de um sem-número de organizações, sendo que muitas delas sequer conseguem discutir o machismo interno e dar espaço e voz para a atuação feminina. Ao mesmo tempo, há que se reconhecer como os feminismos têm caminhado em direção ao núcleo de diversos movimentos por meio da discussão das mulheres para que exista equidade e igualdade nas organizações, ainda que considerando e respeitando as diferenças de gênero.

No caso em tela, as mulheres do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) tradicionalmente organizam a Jornada Nacional de Luta das Mulheres Sem Terra no mês de março. Durante todo o mês, diversas ações são realizadas em diferentes cidades e regiões do Brasil, com o intuito de lançar holofotes para as lutas das mulheres e das mulheres do campo.

A Jornada de 2019 ocorreu de 8 a 14 de março com o tema “Pela vida das mulheres, somos todas Marielle”. Em 14 de março de 2018, a vereadora eleita da Cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, foi assassinada em um crime brutal cuja investigação não foi concluída. Então, em 13 de março de 2019, um ano após o suplício desta mulher, que se tornou semente e símbolo das lutas sociais em busca de um mundo justo e livre de opressões, as mulheres sem-terra realizaram a ocupação de um dos latifúndios de João Teixeira de Faria.

Considerando a organização das mulheres, que pela diferença de gênero possuem bandeiras específicas ressaltadas nas ações realizadas em atenção ao mês da mulher, e a pauta da luta camponesa que apresenta há décadas a exigência da reforma agrária no país, há que se destacar o protagonismo feminino na reivindicação territorial, em apoio às vítimas de João “de Deus” e contra todas as opressões na Ocupação Marielle, realizada em Anápolis, em março de 2019.

Neste artigo realizamos três abordagens com a intenção de articular a luta das mulheres e seus protagonismos, os crimes cometidos por João Teixeira de Faria e a reforma agrária. As reflexões aqui apresentadas começaram a ser elaboradas a partir de um projeto de iniciação científica sobre a ocupação realizada no latifúndio de João Teixeira de Faria, em resposta aos crimes de abusos sexuais e estupros cometidos por ele, cujo processo organizativo foi protagonizado pelas mulheres que lutam por reforma agrária e fazem coro com as pautas feministas

Foi realizada uma Roda de Conversa em uma área de assentamento em que algumas mulheres compuseram a ocupação. Neste trabalho de campo foram coletados depoimentos aqui publicados, sob condição de anonimato por segurança das mulheres. A solidariedade das

mulheres camponesas em colocar seus corpos em defesa da vida das mulheres, do campo e da cidade, sem perder de vista a luta de classes, e a necessidade da reforma agrária por meio da organização e da ocupação realizada no latifúndio do médium, são um exemplo da potência organizativa das mulheres do MST.

JOÃO “DE DEUS”: PODERES, PATRIMÔNIOS E CRIMES

João “de Deus” nasceu em 24 de junho de 1942, no povoado de Cachoeira da Fumaça, hoje município de Cachoeira de Goiás, localizado a 174km da capital do Estado. Ele adquiriu reconhecida fama nacional e internacional como médium, com atendimentos espirituais diversos e também ficou famoso por realizar cirurgias espirituais. Ele fundou a Casa Dom Inácio de Loyola em 1976 na cidade de Abadiânia, no Estado de Goiás. Abadiânia localiza-se entre Goiânia, capital do Estado e a capital federal, Brasília, Distrito Federal, com distância equitativa de 90km de cada uma destas metrópoles.

Os atendimentos na casa Dom Inácio de Loyola contavam com cerca de 40 funcionários e 20 voluntários nos dias de quarta, quinta e sexta-feira, das 8horas às 14horas, comportando cerca de duas mil pessoas por dia, e podendo chegar a 20 mil pessoas por semana, sendo estas 40% estrangeiras, dos mais diversos países. Além da casa funcionar como um “Hospital Mediúnico”, também funciona como ponto turístico, principalmente para os estrangeiros. Havia uma estrutura turística ao redor da Casa, sendo que em reportagem do UOL de 24 de novembro de 2020,

Chico Felitti, autor do livro "A Casa", explica que Abadiânia minguou rapidamente após o escândalo. "De um dia pro outro, a cada viagem que eu fazia, tinha muito menos gente, e os negócios iam fechando" conta. "Depois de um ano da prisão de João de Deus, de 100 pousadas, tinham seis abertas. Hoje, que eu tenho notícia, têm duas”.

Uma das informações que circularam, na ocasião das denúncias, são de que as consultas de João de Deus não eram cobradas, mas a Casa vendia remédios de manipulação própria com as iniciais do seu nome: JTF. A Fazenda que abriga a Casa tem uma extensa área, dividida em hotéis, salas para devocional, sala de espera, e livraria, onde são feitas as vendas dos produtos próprios, como pedras semipreciosas, águas, óleos, remédios, terços e crucifixo.

As denúncias de abusos sexuais cometidas por João “de Deus” vieram à tona no dia 07 de dezembro de 2018, transmitidas pela Rede Globo no programa “Conversa com Bial”. Foram entrevistadas dez mulheres por Pedro Bial e Camila Appel. Em específico, uma coreógrafa

holandesa, então com 34 anos, Zahira Lieneke Mous, até aquele momento havia sido a única mulher que se sentiu confortável em ter sua identidade revelada.

Desde então, a história de João “de Deus” deixou de ser contada apenas por sua famosa atuação como médium e passou a exibir capítulos de abusos sexuais, quando vieram à tona centenas de denúncias contra ele. As diversas denúncias envolveram histórias de vida e fé que foram marcadas pelos abusos sexuais cometidos contra mulheres de diversos lugares do país e do mundo. E isto foi possível porque a mídia corporativa cumpriu sua função social ao realizar jornalismo investigativo e quando usou sua influência e seu alcance para fazer as denúncias, provocando o poder judiciário a se movimentar e iniciar as investigações, que culminaram na prisão do médium em 16 de dezembro de 2018, nove dias após a exibição dos primeiros casos.

O caso de Zahira é de abuso sexual e estupro, apresentado publicamente com a intenção de visibilizar o *modus operandi* do denunciado, que ordinariamente usou a fé e a busca de cura das mulheres para submetê-las à violência. Como ela, mais de 300 mulheres buscaram a justiça brasileira para fazer denúncias semelhantes após o comprometimento da imprensa em denunciar os casos e incentivar as vítimas a falarem. É importante alertar que as cenas narradas por ela são desconfortáveis, violentas e constrangedoras.

Zahira contou que o seu atendimento na Casa Dom Inácio em 2014 foi feito em busca de uma cura espiritual para um trauma causado por um abuso sexual sofrido. Na segunda vez em que esteve no local, ela foi encaminhada para uma consulta com João “de Deus”, no escritório deste. Ao ficar a sós com ele, foi perguntada o motivo de estar ali. Após a resposta, o denunciado pediu que Zahira ficasse em pé em sua frente e fez movimentos como se estivesse a cheirando. Em seguida, solicitou que a mulher ficasse de costas para ele. Encaminhando-a para um banheiro dentro do escritório, ele a colocou em frente a um espelho e ficou atrás dela. Após um breve diálogo, pegou a mão da mulher e a colocou em seu pênis. Ao ser interpelado do porquê ela deveria fazer isso para obter a cura que procurava, ela foi encaminhada para um grande sofá dentro do mesmo banheiro. Então foi colocada de joelhos em frente ao homem, que abriu a calça e colocou novamente a mão dela em seu pênis, orientando-a para que massageasse o seu órgão sexual. A mulher contou que estava em choque e que enquanto fazia isso, João “de Deus” conversava sobre a família dela e dizendo que ela deveria sorrir, deveria estar alegre. Depois de se limpar e colocar a roupa, o homem a levou ao escritório e abriu um armário com diversas pedras preciosas e disse à vítima que poderia escolher qualquer uma que ela gostasse. Alguns dias depois, ela retornou para as atividades na Casa, ainda em choque, e foi levada novamente ao banheiro por ele. Nesta ocasião, ela relatou ao jornalista e apresentador Pedro

Bial, que ele seguiu o mesmo padrão de comportamento, porém também teve relação sexual com penetração enquanto ela estava de costas para ele.

Zahira relatou que mesmo com as situações de abuso, ela tinha fé nas atividades que ocorriam na Casa, que João “de Deus” havia prometido a ela que a ensinaria a incorporar espíritos para ajudar outras pessoas. Ela disse que só conseguiu entender o que aconteceu quando saiu do que ela chamou de bolha, ou seja, quando ela saiu do complexo turístico em Abadiânia que era movimentado pela Casa.

Ela explicou que se passaram quatro anos até que ela decidisse expor sua história em uma rede social com hashtags que incentivavam a exposição de João “de Deus” e o fim dos estupros. O médium já havia sido denunciado outras duas vezes por abuso sexual. Em uma delas foi absolvido com a alegação de que a vítima havia ido à Casa com o pai e que poderia ter pedido ajuda. Em outra a família da vítima adolescente não seguiu com o processo. Uma filha de João “de Deus” está com processo no qual acusa o pai de ter cometido estupro e agressão física contra ela quando a mesma ainda era criança.

Os crimes sexuais de João “de Deus” são repugnantes como são todos os crimes desta ordem, mas ainda é preciso relatar que, segundo reportagem de O Globo, este homem respondeu a processos anteriores por contrabando de minério, atentado ao pudor e assassinato. Ele não foi condenado em nenhum destes casos.

Desde o final do mês de março de 2020, João “de Deus” está em prisão domiciliar obtida devido à pandemia do coronavírus por ser uma pessoa idosa de 79 anos e possuir problemas crônicos de saúde. Ele deixou o Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia mediante entrega do passaporte, uso de tornozeleira eletrônica e proibição de comparecer à Casa Dom Inácio de Loyola. Em entrevista concedida à imprensa e registrada pelo G1 em 23 de fevereiro de 2021, o advogado do médium, Anderson Van Gualberto, disse à imprensa que “João de Deus continua em prisão domiciliar aguardando o processamento das ações penais e confiando na comprovação da sua inocência”,

Até maio de 2021, havia quatro condenações sobre João Teixeira de Faria, sendo elas por posse ilegal de arma de fogo, crimes sexuais contra nove mulheres e violação sexual mediante fraude contra uma mulher, o que resultou em quatro anos em regime semiaberto, 59 anos e quatro meses em regime fechado e dois anos e meio em regime aberto, respectivamente, sendo que todas as condenações estavam, então, em fase de recursos pela defesa do condenado.

Ele foi absolvido do crime de falsidade ideológica em 2021, com defesa feita pelo ex-senador Demóstenes Torres, que afirmou ter visitado João “de Deus” e que sua equipe está

avaliando para entrar na defesa dos outros crimes que o médium foi acusado. Denunciado por outros diversos crimes sexuais, João “de Deus” também aguarda julgamento por corrupção de testemunha e coação, apreensão de documentos, armas de fogo e munições. É importante destacar que pela falta de representação das vítimas contra o denunciado, pelo prazo de seis meses após o crime, muitos dos crimes cometidos por JTF não irão a julgamento.

REFORMA AGRÁRIA CONTRA O ABUSO, O ESTUPRO E A VIOLÊNCIA

Os movimentos sociais representam lutas coletivas que podem ser pontuais, representando uma demanda conjuntural ou reivindicar uma alteração na estrutura social, representando uma demanda estrutural. Segundo Doimo (2013), até o século XX, falar de movimentos sociais era falar exclusivamente de classe operária. Mas no final do século XX e início do século XXI, os movimentos sociais passaram a ser classificados como ações coletivas em defesa das relações de classes (causas sociais), com certos objetivos e/ou interesses. E se tornou o fenômeno mais estudado nas Ciências Sociais na década de 1990.

O MST é o maior e mais longo movimento social do Brasil e possui caráter conjuntural. Surge para exigir o acesso à terra através da reforma agrária, pois a terra é objeto de disputa de interesses conflitantes, considerando que a carta magna brasileira estabelece o direito à propriedade privada, bem como a destinação de áreas que não atendam interesses sociais para a reforma agrária. Segundo informações da página eletrônica da organização, o MST é um “movimento camponês que luta pela redistribuição de terra e de território”. Sua origem remonta à desigualdade gerada com a grande concentração de terras nas mãos de latifundiários, ocorrida desde a colonização do país, iniciada em meados do século XVI.

De acordo com More (2017), “enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável não terá por quinhão, senão misérias, tormentos e desesperos”. No século XIX ocorreram diversas revoltas populares no campo, como a Balaiada, uma revolta popular que ocorreu no Maranhão, em 1838, em uma luta dos trabalhadores rurais e escravos contra os grandes proprietários de terras, a guerra de Canudos um conflito no sertão baiano ocorrido em 1896 e 1897, e a Sabinada que ocorreu de 1837 a 1838 se insere em um grupo que incorpora manifestações sociais, de descontentamento e insatisfação de parcelas das classes dominantes e populares diante da condução do governo monárquico pelas regências. Nesta lógica, no início do século XX no Brasil, os movimentos

sociais eram massivamente ligados à área rural, pois a mesma era quantizada em 69% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nos anos 1980, com a redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988, surgiram novas formas de organização e de manifestação popular. Os movimentos sociais passaram a ser mais estruturados, ocorrendo lutas pela moradia, pela reforma urbana e pela reforma agrária. Foi neste momento em que o Brasil presenciou a eclosão do MST. O MST é um movimento social brasileiro, camponês, autônomo e suprapartidário que se organiza desde 1984 com os camponeses e as camponesas na luta pela reforma agrária, para transformar o campo em um lugar onde as trabalhadoras e os trabalhadores possam viver com condições dignas e produzir alimentos saudáveis.

O movimento mobiliza famílias expulsas do campo por grandes latifundiários e empresas multinacionais do agronegócio, para lutar pela terra e pela transformação social. Segundo Misnerovicz (2015), o MST também mobiliza pessoas e famílias que foram expulsas do campo já há algum tempo; o que gera um novo modelo de camponês, sendo que esta pessoa e sua família já estavam em periferias de cidades, mas possuíam trajetória e história familiar no campo.

Em janeiro de 2021, o MST completou 37 anos. Durante sua existência foram organizadas milhares de ocupações e mobilizações para desapropriação de grandes propriedades improdutivas, que não cumprem sua função social. Reportagem de O Globo, reproduzida pela página eletrônica do MST (2015) aponta que “segundo o Atlas da Terra Brasil (2015), dados produzidos pelo CNPq/USP mostram que 175,9 milhões de hectares são improdutivos no Brasil”.

Cerca de 370 mil famílias estão assentadas em aproximadamente 7,5 milhões de hectares de terra, conquistados como resultado das ocupações. Através de sua organização, mais de 200 mil alunos acessaram o ensino básico em cerca de duas mil escolas públicas construídas em acampamentos e assentamentos, sendo que todas as escolas seguem a Base Curricular Nacional. Os programas educacionais do MST vêm ganhando prêmios desde 1995, duas escolas do Piauí obtiveram em 2018 os maiores índices na educação básica, em 2019 duas escolas do MST no Paraná receberam prêmios nas categorias de pintura, redação e música. Há também iniciativas no ensino técnico, tecnológico e superior.

O MST é um movimento que agrega milhares de apoiadores em todo o país, inclusive intelectuais, artistas e políticos. Um destes apoiadores é o humorista Gregório Duvivier, que em um de seus programas (Greg News – MST, 2019) aponta que uma das contribuições mais

importantes do MST para a sociedade é a produção de alimentos orgânicos. Para fazer isso, o trabalho é coletivo com base nos princípios da agroecologia promovida como, por exemplo, a Feira Nacional da Reforma Agrária que em São Paulo durante quatro anos (2015 a 2018). Essa feira movimentou cerca de 420 toneladas de 1500 produtos de acordo com a Folha de São Paulo (05/04/2019).

O movimento também desenvolveu mais de 100 cooperativas, 96 agroindústrias e 1,9 mil associações que contribuem para melhorar a renda e as condições de trabalho de 350 mil famílias assentadas, além de produzir cerca de 70% dos alimentos sem agrotóxicos, sendo eles feijão, leite, sucos, café, sementes, mel e, de acordo com a British Broadcasting Corporation, a maior produção de arroz da América Latina é do MST. Segundo dados da Articulação Nacional de Agroecologia, o MST exporta aproximadamente 30% da sua produção para os Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Nova Zelândia, Noruega, Chile e México. Outra contribuição muito importante do MST é a agroecologia, modo de produzir que se integra melhor com os ecossistemas locais. Em 2017 um grupo de agricultores do MST do Paraná recebeu um prêmio por conciliar a produção de alimentos orgânicos à recuperação da Mata Atlântica e, em 2011, recebeu o prêmio anual de soberania alimentar na Califórnia, por sua produção sustentável.

Como necessidade estrutural o MST defende a implantação da reforma agrária no Brasil, a diminuição da desigualdade no país e fim do uso de venenos em alimentos. A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO, 2015), mostra que no Brasil são consumidos 7,3 litros de agrotóxicos por pessoa todos os anos, e no Pará chega a 8,7 litros de agrotóxicos por pessoa. Abordar a atuação deste movimento social torna-se mais relevante, ainda, ao observarmos que mesmo diante de insistente perseguição, o MST reforça sua atividade e investe em seu crescimento através da formação orgânica de militantes, a solidariedade entre trabalhadores/as do campo e da cidade e a ampliação de pautas, sendo que as reivindicações das mulheres e sua organização no interior do MST são exemplo disto. A ocupação do latifúndio de João de Teixeira de Faria, em Abadiânia, articula todas essas lutas e pautas simultaneamente.

CAMPONESAS EM AÇÃO PELA VIDA DAS MULHERES

Assegurar a participação das mulheres nos movimentos sociais dá a estes o tom da diversidade, da amplitude da classe trabalhadora e das nuances da vida cotidiana entre pessoas de diferentes gêneros convivendo com suas diferenças, sem que esta as torne desiguais. Para Salvaro (2008), as relações sociais no cotidiano dos assentamentos ocorrem assim como na

sociedade toda, de modo a observar que, para o MST, a transformação igualitária e solidária de uma sociedade inclui abordar as relações de gênero. Falar sobre igualdade de gênero dentro do MST é bastante amplo, já que o movimento busca que sua militância, inclusive as mulheres, tenham total participação nas diversas atividades realizadas nos assentamentos e no próprio movimento.

O documentário “A luta é pra valer” mostra que no MST, homens, mulheres, crianças e idosos participam do movimento de forma coletiva enfrentando desafios para construir um mundo melhor e mais justo (De La Plata, 2018). O MST tem um setor de gênero que se organiza a partir da promoção de debates e formação sobre a igualdade para as mulheres camponesas e a comunidade LGBT, pois se trata da inclusão de todas as pessoas na luta de classes e luta por reforma agrária. O setor de gênero pode caracterizar a intenção do movimento social em acolher as mulheres, pessoas negras e comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais travestis e transexuais, queer, intersexos, assexuadas e pansexuais), pois pessoas têm o direito de serem reconhecidas e participar das lutas propostas.

As mulheres do MST, hoje, exigem uma participação mais sólida na estrutura do MST, desde a ocupação até a conquista da terra. Pensando o MST e a participação das mulheres sem-terra, foi realizado um trabalho de campo com visita a uma área de assentamento no Estado de Goiás. Os depoimentos, a seguir, foram coletados durante uma Roda de Conversa, metodologia utilizada para realizar debates participativos nos ambientes de luta e organização popular. Uma das depoentes, militante do MST, explicou que as mulheres ocupam lugar paritário nas organizações e lutas dentro do movimento, desde a ocupação até a conquista da terra:

Historicamente o MST trabalha sobre o papel da mulher dentro dos seus núcleos de base. Podemos dizer que isso começou quando um homem e uma mulher dentro dos coletivos passaram a coordenar juntos os núcleos de base. As mulheres têm seu papel nos processos de lutas e resistência. Nos acampamentos elas assumem na parte de organização, de coordenação nas equipes e dos núcleos, e isso faz parte do processo de formação e de construção. O MST discute sua estrutura organizativa desde o seu surgimento, quando foi decidido que todas as instâncias tinham que ter um homem e uma mulher. O movimento sempre fortaleceu a questão de gênero dentro das estruturas, mas desde a década de 2000, isso tem sido ainda mais fortalecido. [Um exemplo é] o protagonismo das mulheres em relação ao 8 de Março, pois elas ficam responsáveis por toda a organização do movimento, além de organizar processos de acampamentos e o abril vermelho¹, Assim as mulheres também tem assumido como protagonistas esses processos de lutas e de enfrentamento em relação ao grande capital.

¹ O mês de abril é conhecido pelos movimentos sociais, sindicais e populares como um mês de luta, assim denominado “abril vermelho”.

Durante o trabalho de campo, foi estabelecido um diálogo a fim de saber quais as maiores dificuldades das mulheres no MST, ao que esta militante respondeu:

O MST vem trabalhando em relação as dificuldades das mulheres no movimento, através do trabalho de base realizado nas periferias e nos grandes centros urbanos, para levar gente para o processo de resistência, que é o processo de ocupação de terra. Historicamente a sociedade capitalista fortalece esse tipo de preconceito [de gênero] a partir dos sujeitos. Olhando para a sociedade capitalista e o próprio patriarcado que fortalece o ego de “eu” masculino, que as mulheres não são protagonistas dos processos de resistência, podemos dizer que na mesma proporção que acontece externamente na sociedade, dentro do movimento também acontece, entendendo que as pessoas que vão para os processos de ocupação são as pessoas que estão aquém, se estamos olhando para as condições que o sistema capitalista impõe para essas pessoas. Sendo assim é obvio que também vai acontecer processos de discriminação porque essas pessoas estão acostumadas a vivenciar e viver sobre essa lógica de funcionamento.

Sobre a ocupação das terras do João “de Deus” em março de 2019, ela nos informa que foi uma ação para articular a luta das mulheres do MST, a reforma agrária e solidariedade entre campo e cidade:

Sobre a ocupação nas terras do João de “Deus”, desde 2006 as mulheres do MST vêm protagonizando essas mesmas questões de enfrentamento ao grande capital, sendo que nos últimos 3 anos ocorre também o debate da questão da discriminação sexual, dos abusadores que apareceram na mídia. As ocupações do 8M² ocorrem acerca desse protagonismo de denunciar os abusadores das mulheres. A ocupação tem essa característica, mas não esquecendo de que por mais que foi uma ocupação de denúncias também foi de demarcação de território, de que a própria área pode ser uma área de assentamento da reforma agrária.

Para além do trabalho de campo, o documentário “O papel da mulher no MST – a camponesa na luta pela terra e suas conquistas” de Mary e Souza (2017) mostra que existem barreiras impostas pelas próprias mulheres, por acharem que não tem capacidade de se igualar aos homens, e a dificuldade de quebrar os discursos machista e patriarcal. No começo do movimento as mulheres achavam que suas participações eram voltadas somente para os cuidados com os filhos, cuidado com a casa e com as lavouras.

O documentário de Mary e Souza (2017) também aborda que durante a formação social e acadêmica, que é estimulada pelo MST, as mulheres passaram a ter consciência do seu espaço de fala e de luta, tornando-se pioneiras nas conquistas de terra, na plantação, na

² 8M é referência ao 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

produção e industrialização de alimentos. O maior foco das mobilizações por parte das mulheres é no 8 de Março e nos eventos que ocorrem durante todo o mês de março em referência à data. Desde 1975, quando foi instituído como Dia Internacional da Mulher, o 8 de Março vem sendo organizado por meio de protestos que nos remete ao início do século XX, quando diversas manifestações de mulheres repercutiram pela Europa reivindicando melhores condições de trabalho e igualdade de direitos.

O protagonismo das mulheres no MST é peça chave para que elas, juntamente com as mulheres do Movimento Camponês Popular (MCP) realizassem a ação pela vida das mulheres nas terras de João “de Deus” para proclamar solidariedade às vítimas, denunciar o patrimônio construído em anos de história marcada pelos crimes sexuais e exigir reforma agrária.

A ocupação foi realizada no dia 13 de março de 2019 na “Fazenda Agropastoril Don Inacio”, localizada entre os distritos de Interlândia e Souzaânia, no município de Anápolis, Estado de Goiás, a 55km de Goiânia. Aproximadamente 800 mulheres sem-terra militantes do MST e do MCP, movimentos camponeses vinculados à Via Campesina, aportaram no latifúndio e organizaram a Ocupação Marielle, reivindicando a área para fins de reforma agrária.

A “Fazenda Agropastoril Don Inacio” é uma das propriedades rurais do médium, cujo patrimônio nunca foi bem especificado como dito anteriormente. A área tem 600 hectares e está *sub-judice*. A ocupação Marielle foi realizada por mulheres cujos movimentos vinculam-se à da Via Campesina³. Para realizar a ocupação Marielle foram as mulheres foram transportadas em 13 ônibus, sendo eles de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. As principais reivindicações foram a cobrança de indenização das vítimas de abuso sexual e a disposição da referida fazenda para reforma agrária, já que esta propriedade além de improdutiva é resultante de ações ilícitas, além de estar vinculada à prática de crimes, incluindo os de abuso, estupro e de violência. Com poucas horas de existência, a ocupação das mulheres recebeu diversas manifestações de solidariedade, quais sejam notas públicas, reportagens de apoio advindas dos canais jornalístico que demonstram irrefreável apoio às mulheres sem-terra e visitas de intelectuais, figuras públicas, estudantes, militantes, feministas e pessoas defensoras de direitos humanos. Embora a ocupação Marielle não tenha entrado nas estatísticas oficiais para a reforma agrária, ela caracteriza-se como ato político pela reforma agrária, denúncia dos latifúndios no Brasil e apoio às mulheres vítimas de João “de Deus”.

³ *Via Campesina* é uma organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo.

COBERTURA JORNALÍSTICA DA OCUPAÇÃO MARIELLE FRANCO

Para entender repercussão e os sentidos gerados sobre a ocupação das mulheres do MST no latifúndio de João Teixeira de Faria, foi realizado um levantamento na plataforma Google e verificado o nível de cobertura e de interesse dos portais G1 e El País em notícias veiculadas sobre o tema. Neste artigo não são abordados os aspectos referentes às aplicações de algoritmos e suas influências na vida das pessoas que consomem as notícias.

No site Google, foram pesquisadas, primeiramente, notícias relacionadas à frase **Pela vida das mulheres, contra João de ‘Deus’**. De 454.00 resultados, o portal G1 ranqueia as notícias relacionadas ao tema, citando diretamente o caso de mulheres vítimas de estupro. Já o portal El País também ranqueia as primeiras pesquisas sobre os acontecimentos, porém, ele abrange o assunto apresentando, por exemplo, notícias sobre o percentual de crianças que são abusadas sexualmente, todos os dias entre 09 e 11 anos.

Posteriormente, foi pesquisada a frase **crimes de assédio realizado por João de “Deus”**. Nessa pesquisa no Google com 669.000 resultados, o Portal G1 aparece na 2ª posição citando diretamente o caso dos relatos de 5 vítimas de assédios cometidos pelo médium na data de 20 de outubro de 2019. Já o portal El País não aparece em nenhuma posição a respeito do tema.

O estudo sobre o ranking de cobertura dos portais também foi realizado com o uso de palavras-chave na pesquisa da plataforma Google. Por meio das duas pesquisas vinculadas pelos portais G1 e El País, podemos observar os seguintes pontos: O primeiro aparece liderando as posições devido às repercussões dentro da Rede Globo, exatamente por ser um portal de notícias de sua criação. No El País, na segunda pesquisa sobre **crimes de assédio cometidos por João de “Deus”**, não aparecem resultados específicos e/ou diretos, entretanto se pesquisarmos as mesmas palavras-chave juntamente com o referido nome do portal, já aparecem resultados significativos quanto ao tema, como exemplo, *“Em nome de Deus” destaca o trunfo jornalísticos que destruiu um mito e revelou um predador sexual*, notícia divulgada em 14 de agosto de 2020.

O período considerado para o levantamento das notícias nos portais G1 e El País foi de 2018 a 2021. Pode-se observar uma diferença quanto ao acompanhamento dos casos que foram surgindo. Quanto a isso o G1 teve maior ação às divulgações dos crimes, já que foi o primeiro portal tratar disso por meio da Rede Globo, como citado no parágrafo anterior. O dado mais importante deste levantamento é a constatação de que a ocupação realizada pelas mulheres do

MST no latifúndio de JTF obteve visibilidade nacional e internacional e foi devidamente vinculada ao combate aos crimes do médium.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito a ser debatido e analisado sobre o poder e os crimes de João “de Deus”. Neste artigo, objetivou-se mostrar o papel dos movimentos sociais e do protagonismo das camponesas militantes pela vida das mulheres e sua capacidade de articular as lutas de classe com as de combate à violência contra mulheres e pela reforma agrária. Dessa forma, compreende-se que as mulheres protagonizaram um ato político de alcance nacional e internacional, como sujeitas da resistência, contra a violência sofrida pelas vítimas do médium.

Para além disso, as mulheres camponesas, organizadoras e executoras da ocupação em um dos latifúndios de João de “Deus”, no nosso entendimento, propuseram um avanço conceitual nas alianças entre campo e cidade; entre lutas sociais e combate à violência contra mulheres; entre homens e mulheres. Isso contribui para aprimorar objetivos táticos e estratégicos na luta pela superação das desigualdades de classe, simultaneamente à luta contra o machismo e o racismo. A revolução é feminista!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda, ROGÉRIO, Paulo. **DE Abraão ao MST, a luta segue**. Via Campesina. Pará, acesso em 2019.

A luta é pra valer. Direção de Cesar de La Plata. Lages, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xHhXHXCQgU>. Acesso em setembro, 2019.

CARNEIRO, Fernando Ferreira (Org.) **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrgio**. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Concentração de terra cresce e latifúndios equivalem a três “Sergipe”. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2015/01/09/concentracao-de-terra-cresce-e-latifundios-equivalem-a-tres-sergipe.html>. Acesso em outubro, 2019.

DOIMO, Ana Maria. **Movimentos Sociais e participação política no Brasil**. ANPOCS, 1995.

FERNANDES, Bernardo Marçano. **O MST e as Reformas Agrárias do Brasil**. UNESP, 2008.

Greg News/MST. HBO Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSyOcbMAzko>. Acesso em outubro, 2019.

Integrantes do MST ocupam fazenda de João de Deus em Goiás. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/03/13/integrantes-do-mst-ocupam-fazenda-de-joao-de-deus-em-goias.ghtml>. Acesso em setembro, 2019.

LERBACH, Brena Costa. **Movimentos sociais: Percursos Práticos e Conceituais.** UFES, 2011.

MARY, Claudia e SOUZA, Flávio. **O papel da mulher no MST – a camponesa na luta pela terra e suas conquistas.** Faculdade Maringá, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PtQEvHs8-Bc>. Acesso em setembro, 2019.

MIRALHA, Wagner. **Questão Agrária brasileira: origem, necessidade e perspectiva de reforma hoje.** FCT/UNESP, 2006.

MISNEROVICZ, J. V. **A territorialização do capital e os novos sujeitos da questão agrária brasileira na contemporaneidade.** 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/13/stj-mantem-interrompido-processo-contrajoao-de-deus-e-ex-assessora-por-falsidade-ideologica-diz-advogado.ghtml> Acessado em 22 de março de 2021.

<https://oglobo.globo.com/sociedade/joao-de-deus-milionario-apos-garimpo-aficionado-por-carroes-curandeiro-desde-os-16-anos-23302941> Acessado em 22 de março de 2021.

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/11/24/documentario-do-uol-narra-ascensao-e-queda-de-joao-de-deus-e-abadiania.htm> Acessado em 22 de março de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano

Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Goiás. Estudante de Doutorado em Sociologia no PPGS/FCS da Universidade Federal de Goiás. Bolsista FAPEG.

Laissa Conceição Mota

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Angelita Pereira de Lima

Professora na Faculdade de Informação e Comunicação e no PPG em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Geografia (IESA/UFG).

Recebido em julho de 2021.

Aceito para publicação em setembro de 2021.